



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

CÍCERA DA SILVA

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA
ESCRITA NO COTIDIANO ESCOLAR**

CAJAZEIRAS - PB

2009

CÍCERA DA SILVA

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NO
COTIDIANO ESCOLAR.**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Campina Grande/ CFP como instrumento para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, tendo como orientadora a professora Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS-PB

2009



5586p Silva, Cicera da.
O processo de construção da leitura e da escrita no cotidiano escolar / Cícera da Silva. - Cajazeiras, 2009. 46f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura e escrita. 2. Aquisição de leitura. 3. Escrita dos educadores. 4. Relação-professor-aluno. 5. Aprendizagem de leitura e escrita. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.016:003-28.31

CÍCERA DA SILVA

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NO
COTIDIANO ESCOLAR**

APROVADA EM: ___ / ___ / ___

Professora Ms. Maria Janete de Lima

CAJAZEIRAS-PB

2009

A Deus, por mais essa vitória na minha vida, a minha saudosa mãe Cândida, pela coragem, incentivo que me destes para nunca desistir dos meus sonhos.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
QUINTAS PARADA

AGRADECIMENTOS

A minha família, por ter estado presente em todo esse período de caminhada nesta instituição.

Aos meus amigos, que permaneceram junto comigo, mesmo não dispondo de tempo para desfrutar de suas amizades.

As minhas companheiras de sala: Maria José, Francisca Justino e Simone Pereira, pela troca de idéias que houve entre nós em todo esse período de construção desta monografia.

Aos meus queridos mestres, por terem contribuído pedagogicamente para a concretização desse sonho.

As orientadoras que deram suas colaborações nas três práticas: Gerlaine, Lourdes Campos e Maria Janete. Essas professoras foram responsáveis para que este trabalho monográfico tivesse êxito.

Minha sincera gratidão!

Não se desanimar - é o conselho do poeta-, persistir na tentativa, renovar os esforços mais uma vez... Apelar para todas as ferramentas necessárias para tornar realidade um propósito que é difícil alcançar, mas para o qual é imprescindível se encaminhar.

(Delia Lerner)

RESUMO

Na sociedade do conhecimento, é imprescindível que os indivíduos utilizem os saberes da leitura e da escrita. Este estudo apresenta resultados de uma pesquisa sobre o processo de construção da leitura e da escrita no cotidiano escolar; realizada com 22 alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. Teve como objetivos: analisar o acesso da leitura e da escrita aos alunos dos anos iniciais; identificar a metodologia utilizada pelos professores; verificar os auxílios didáticos que os professores utilizam para estimular a leitura e a escrita; examinar os gêneros literários utilizados pelos professores. Para que essa pesquisa fosse realizada, usamos como instrumentos de coleta de dados o questionário com questões objetivas e dissertativas. A análise dos dados foi fundamentada nos estudos de Cagliari (1997), Lerner (2002), Monteiro (2004), e outros mais. Os resultados apontam que a escola vem enfrentando problemas, pelo fato dos alunos sentirem dificuldades no ato de interpretar textos principalmente aqueles do cotidiano; também a falta de acesso deles com diversos gêneros literários, acabam prejudicando-os quando necessitam ler ou escrever algo para qualquer fim que se destina. Conclui-se que a escola precisa criar condições para que as modalidades de leitura e escrita possam ser adquiridas integralmente por todos os educandos.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Escola.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I.....	12
1. Histórico da Escrita.....	12
1.2 A dificuldade encontrada pelos educandos com relação à leitura e a escrita.....	13
1.3 A importância da utilização de diversos tipos de textos para a aquisição da leitura e da escrita dos educandos.....	16
CAPÍTULO II.....	20
2.1 A mediação do professor na relação aluno e o universo da leitura e da escrita.....	20
2.2 A função da escola na aprendizagem da leitura e da escrita dos educandos.....	23
CAPÍTULO III.....	26
3.1 Procedimentos Metodológicos.....	26
3.2 Caracterização da Escola.....	26
3.3 Análise dos Questionários dos Professores.....	27
3.4 Análise dos Questionários dos Alunos.....	32
3.5 Análise do Estágio.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
ANEXOS.....	44

INTRODUÇÃO

O tema a ser abordado nesta monografia é o processo de construção da leitura e da escrita no cotidiano escolar. Os motivos que levaram a escolher este tema, foi a dificuldade percebida na forma como grande parte de pessoas do bairro onde resido se relacionam com a leitura e a escrita da nossa língua materna no dia-a-dia.

Como sabemos na nossa cidade há um índice considerável de pessoas que não sabem utilizar a leitura e a escrita de maneira correta. Essas pessoas geralmente não se enquadram ao perfil exigente e competitivo do sistema globalizado vigente.

Em virtude dessa problemática exposta nos parágrafos anteriores, faz-se necessário enquanto educadora, fazer um trabalho pedagógico com a leitura e a escrita como parâmetro essencial para a aprendizagem dos alunos no dia-a-dia da escola.

De acordo com nossos conhecimentos no que se refere à prática de leitura e escrita, ajudar nas dificuldades dos educandos com relação às mesmas. Saber valer-se desses conhecimentos é importante porque desperta na pessoa novas capacidades cognitivas e intelectuais no que diz respeito a sua expressão na ação de ler e escrever nas diversas situações: fazer uma carta; elaborar um bom currículo para um emprego; preencher uma ficha de cadastro e saber fazer um texto acadêmico.

A contribuição que esse estudo trará para nós enquanto profissionais em educação, é a possibilidade em ver que estamos tendo parte para a formação de cidadãos que sejam capazes de enfrentar os desafios de ler e escrever um texto corretamente, construir textos para concursos, vestibulares.

Enquanto pessoas, este estudo será satisfatório porque ajudamos a colaborar para o bom desenvolvimento dessas crianças ao se relacionarem com as modalidades de leitura e escrita nas diferentes situações encontradas.

Como forma de contribuição desenvolvemos o estudo desta temática que tem por objetivos: analisar o processo de construção da leitura e da escrita pelos educandos no cotidiano escolar; analisar o acesso da leitura e da escrita aos alunos dos anos iniciais;

identificar a metodologia utilizada pelos professores em sala; verificar quais são os auxílios didáticos utilizados pelos professores para estimular a leitura e a escrita em sala; examinar quais os gêneros literários utilizados pelos professores.

Com a finalidade de analisarmos sobre o processo de construção da leitura e da escrita no cotidiano escolar, escolhemos a turma do 4º ano composta por 22 alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Janduy Carneiro que está situada à Rua Patrício de Barros no Centro de Cajazeiras - PB, para desenvolvermos o estudo de caso que para (GIL apud MATOS, 2002, p.46) “é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como delimitação a impossibilidade de generalização de seus dados”.

Para que este estudo tivesse êxito, organizamos questionários para professores e alunos, onde os educadores respondiam questões dissertativas e os educandos questões objetivas. Consequentemente foram analisados todos os dados fornecidos de maneira crítica, com o plano de se trabalhar com a escola a temática do processo de construção da leitura e da escrita no cotidiano escolar.

Sendo assim esse estudo científico está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo falaremos do Histórico da Escrita desde seus primórdios até os dias atuais; neste mesmo capítulo explicaremos sobre a dificuldade encontrada pelos educandos com relação a leitura e a escrita; os problemas existentes na escola que ocasiona esse déficit na aprendizagem; e os caminhos necessários para alcançar esse aprendizado. No último subitem exporemos sobre a importância da utilização de diversos tipos de textos para a aquisição da leitura e da escrita ressaltando a importância de se lê diferentes gêneros literários existentes no meio social.

No capítulo dois explicaremos sobre a mediação do professor na relação aluno e universo da leitura e escrita; explicitaremos sobre os caminhos que o educador deve seguir para melhorar o processo de ensino-aprendizagem no cotidiano da escola; neste mesmo capítulo falaremos sobre a função da escola na aprendizagem da leitura e da escrita dos educandos; dos desafios que a escola precisa ultrapassar para formar cidadãos críticos, autônomos para a sociedade vigente.

No capítulo três seguiremos com os procedimentos metodológicos que através do estudo de caso, elaboramos questionários que nos deram a liberdade de analisarmos os casos sem generalizá-los; neste mesmo capítulo, faremos à caracterização da escola, com informações sobre o espaço físico e do quadro de funcionários.

Ainda no capítulo três faremos à análise dos questionários dos professores, onde serão expostas as respostas deles referentes a algumas questões de ordem didático-metodológica com relação aos alunos, para ajudá-los nesse processo em que a leitura e a escrita se apresentam como pontos culminantes na aquisição da aprendizagem.

No quarto subitem faremos à análise dos questionários dos alunos, onde explicitaremos os resultados das questões respondidas pelos discentes com relação ao cotidiano na escola, ou seja, tudo que está relacionado à aprendizagem da leitura e da escrita dentro do espaço escolar.

No quinto subitem falaremos da análise do estágio, onde exporemos as dificuldades da maioria dos alunos na ação de ler e escrever; da deficiência deles no que diz respeito ao modo de interpretar tanto na disciplina de Língua Portuguesa como nas demais disciplinas. Enfim relataremos sobre as experiências vivenciadas nesse período em que passamos na escola.

CAPÍTULO I

1. Histórico da Escrita

A história da escrita passou por três períodos diferentes: o período pictórico onde a escrita era representada através de desenhos. Para Cagliari (1997) são consideradas escritas pictóricas: os cantos Ojibwa localizado na América do Norte; na escrita do povo asteca representada pelo catecismo asteca, e na era atual através das histórias em quadrinhos; também pode ser considerada escrita pictórica, os desenhos antigos feitos em rochas e que existem em várias partes do mundo inclusive no Brasil. A mensagem desse tipo de escrita era desvendada através da imagem reproduzida em qualquer local pelos povos antigos.

O período ideográfico está representado pela escrita através de desenhos específicos conhecidos como ideogramas. O nosso alfabeto é oriundo da escrita ideográfica. Segundo Cagliari (1997) as escritas ideográficas que mais se destacaram foram: a egípcia (conhecida também como hieroglífica), a mesopotâmica (chamada sumérica), os escritos do território do mar Egeu (escrita cretense), e a escrita chinesa (de onde procede à escrita do Japão).

O período alfabético está representado pela utilidade das letras. A escrita alfabética perdeu a legitimidade ideográfica, para exercer a posição fonográfica. De acordo com Cagliari (1997) os conjuntos de elementos alfabéticos que mais tiveram destaque foram: o semítico, o indiano e o greco-latino. Desse vem o alfabeto que conhecemos hoje (latino), e o cirílico (grego) de onde foi criado o alfabeto da Rússia.

O alfabeto para chegar à forma atual passou por várias modificações. Antes apareceram os silabários que era a junção de sinais exclusivos que significavam cada sílaba.

Os fenícios vão tirar proveito dos símbolos escritos do Egito e formam uma relação de bens com legendas simplificadas onde foram escritos os sons consonantais. Os gregos por sua vez foram adequando a forma de escrita fenícia para a grega, e juntaram com as vogais que para os gregos, tinha grande valor na constituição dos vocábulos.

Depois o povo romano transformou essa escrita grega para a escrita romana, formando o alfabeto greco-latino, do qual descende o nosso alfabeto.

A escrita desde seus primórdios sempre teve um sentido. Cagliari (1997, p.112) diz: “a escrita, seja ela qual for, sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva, religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural”.

Os locais onde essa escrita ficou registrada, passaram por muitas modificações: as escritas pictográficas eram feitas em cavernas; depois a escrita passou a ser utilizada em pergaminho que era uma espécie de couro de cabra devidamente preparada como objeto de escrita; logo após essa escrita passou a ser feita em livros; na era moderna a escrita passou a ser reproduzida em máquinas de escrever e mais recentemente na tela do computador.

1.2A dificuldade encontrada pelos educandos com relação à leitura e a escrita

Os educandos no dia-a-dia da escola vêm enfrentando problemas no que diz respeito à aquisição das modalidades de leitura e escrita. Essas dificuldades que são procedentes de diversos fatores que afetam o ritmo dessa aprendizagem no ambiente escolar. Na compreensão de Cagliari (1997, p.102) “a maneira como a escola trata o escrever leva, facilmente muitos alunos a detestarem a escrita e em consequência a leitura, o que é realmente um irreparável desastre educacional”.

De fato, a escola deveria proporcionar momentos prazerosos no que se refere às produções textuais. Dependendo do assunto abordado no texto, surgem também inúmeras expectativas por parte dos alunos ao produzi-lo.

É interessante frizar que se a temática exposta faz parte da realidade dos educandos, é um ponto importante para almejar os objetivos esperados pelas instituições de ensino, que é despertar o interesse dos discentes pela leitura, que gradativamente contribui para a melhora na escrita.

A postura superiora remetida por alguns educadores com relação aos alunos, além de causar medo, revolta, vergonha quando precisam ler ou mostrar suas escritas, que esses acabam por se fecharem completamente para a aquisição da aprendizagem; e sem perspectiva abandonam a escola.

Cagliari (1997, p.123) continua dizendo: “a partir da produção de textos das crianças podem se fazer comentários a respeito de tudo o que se achar relevante da ortografia à análise discursiva do texto produzido”.

É verdade o que Cagliari fala, pois é na produção de textos dos alunos que o professor pode encontrar as respostas para os problemas de aprendizagem dos quais são acometidos os educandos. Esses problemas se detectados rapidamente pelo professor, ajudará aos alunos a se expressarem melhor no ato da leitura e da escrita de seus textos.

Cagliari (1997, p.124) reforça dizendo:

Deixar que os alunos escrevessem redações espontâneas não dando muita atenção aos erros ortográficos e apostando na capacidade das crianças de escrever e se auto corrigir com relação a ortografia é de fato um estímulo e um desafio que o aluno sente no seu trabalho, uma motivação verdadeira para escrita.

Esse autor está certo parcialmente. Entendemos que os alunos devem escrever textos espontâneos sim, mas o professor deve ficar atento aos erros ortográficos não diminuindo os textos feitos pelos alunos, ou expondo os mesmos a zombaria dos outros. Essa correção deve ser feita de maneira simples, paciente, sem deixar traumas na criança. Mas vale salientar que essas correções vão depender do nível de aprendizagem da criança.

Morais (2002, p.24) também faz referência a essa mesma linha de pensamento: “não podemos nos assustar e em nome da correção ortográfica, censurar ou diminuir a produção textual no dia-a-dia”.

Morais está correto na sua afirmação, pois grande parte dos educandos que fazem suas produções textuais, algumas palavras não estão de acordo com as normas ortográficas. Mas esse é o momento do professor se aproximar dos alunos e fazer vê-los, que o erro faz parte do processo de aprendizagem e incentivá-los a lerem e escreverem mais.

O educador usando de sua criatividade pode encontrar a melhor maneira de corrigir os erros ortográficos sem subestimar a capacidade dos educandos de construir idéias. O julgamento negativo que afeta os alunos com relação aos erros cometidos na escrita só facilitará para a regressão da aprendizagem e o que é pior, o abandono dos discentes da escola.

Morais (2002, p.240) é bem sucinto quando diz:

A correção das mensagens escritas é um aspecto fundamental para facilitar a comunicação escrita. Escrever segundo a norma é assim, uma exigência que a sociedade continuará fazendo aos usuários da escrita, em suas vidas diárias, fora do espaço escolar.

É verdade, quando não se aprende grafar bem os vocábulos corretamente dentro do âmbito escolar, o meio, externo cobrar. Essa lacuna acompanhará o indivíduo em qualquer lugar onde essa escrita seja necessária.

Faz-se necessário uma chamada de atenção para estes problemas no que se refere à não aprendizagem na escrita dos textos; essa dificuldade precisa ser sanada para que esses alunos que hoje estão nas instituições de ensino, não venham sofrer no futuro os danos por não saberem redigir um texto para qualquer fim a que este se destina.

Back (1987, p.162) ainda afirma:

Julgamos que, no final da oitava série do 1º grau, os nossos alunos deveriam escrever corretamente a língua nacional. Mas infelizmente não é o que acontece e, pelo menos até agora, estavam entrando nas universidades sem dominar a própria língua materna.

Essa crítica de Back é pertinente porque essa problemática continua a existir nos dias atuais. Uma grande população estudantil sai do ensino fundamental e médio, sem saber fazer um texto corretamente. O uso da gramática com: verbos, substantivos, concordância, preposição, pontuação, etc. não são colocados de maneira adequada nos diversos tipos de textos.

Essa dificuldade acompanhará os estudantes até mesmo quando chegarem ao ensino superior. É por essas questões que a escola tem o papel fundamental na educação dos alunos nos primeiros anos escolares.

Na compreensão de Back (1987, p.143-144).

Se o aluno escrever com excelente conteúdo, também cedo sentirá o desejo da correção a cuidar da forma! Sozinhos começarão a cuidar da parte ortográfica e da correção gramatical... E o professor os estimulará, atendendo as consultas, encaminhando-os aos dicionários e fomentando a discussão da problemática entre eles.

De fato, bom conteúdo os despertará para a correção ortográfica e gramatical. Mas isso só acontecerá quando houver interesse do professor pelas atividades produzidas pelos

alunos, no sentido de não menospreza-los pelos erros na escrita; quando estimula os educandos valorizando seus escritos e cuidando para que eles se desenvolvam sempre mais; quando não é apenas um transmissor de conhecimento e sim facilitador da aprendizagem e está aberto aos questionamentos levantados pelos discentes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 69) explica:

Solicitar aos alunos que produzam textos muito antes de saberem grafá-los. Ditar para o professor, para o colega que já saiba escrever ou para ser gravado em fita cassete é uma forma de viabilizar isso. Quando ainda não se sabe escrever, ouvir alguém lendo o texto que produziu é uma experiência importante.

Essa prática é interessante, porque a dificuldade em produzir textos é considerada complicada para quem sabe escrever, e para quem não sabe torna-se quase que inviável pelo fato dos alunos sentirem vergonha, medo de serem julgados pelos professores e pelos próprios colegas por não saberem ler e escrever de acordo com a norma. A iniciativa do docente em promover momentos como esse, faz dos alunos que não tem a experiência da leitura e escrita vencerem os bloqueios que dificultam essas modalidades.

1.3 A importância da utilização de diversos tipos textos para a aquisição da leitura e da escrita dos educandos

Hoje no meio social, nos deparamos com uma imensidade de escritas para todos os tipos de leitores; a escola nesse contexto é a ponte para levar essa infinidade de escrita ao convívio dos alunos. Os PCNs (1997,p.30) explica: “ cabe portanto, a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpreta-los”.

O problema está justamente nisso, pois a escola se detém única exclusivamente ao livro didático e não introduz outros textos diferentes para que as crianças construam suas hipóteses. Sem falar o quanto que elas aprendem com outros tipos de textos, de gramática, ortografia, etc.

Foucambert (1994, p.10) ainda complementa dizendo: “a escola deve ajudar a criança a tornar-se leitor dos textos que circulam no social e não limita-la à leitura de um texto pedagógico, destinado apenas para ensiná-la a ler”.

Sabemos que a exigência em torno da leitura é grande pela sociedade. Então não é possível que a escola apenas ensine a criança a ler; ela precisa fazer com que o aluno ao entrar em contato com a leitura, consiga entender o que está nas entrelinhas de cada texto lido. É interessante que pelo menos uma parte dos textos utilizados na sala de aula, sejam textos que pertençam ao dia-a-dia dos alunos.

No entendimento de Foucambert (1994, p.31).

Para aprender a ler, enfim é preciso estar envolvido pelos escritos os mais variados, encontra-los, ser testemunha de e associar-se à utilização que os outros fazem deles - quer se trate dos textos da escola, do meio ambiente, da imprensa, dos documentários, das obras de ficção.

É importante que o alunado, de forma geral tenha acesso direto aos mais variados gêneros de textos possíveis. A tentativa do professor em procurar bastantes materiais que julgue serem necessários, para ser utilizados nas aulas e debatidos entre os alunos para fomentar o interesse e enriquecer cada vez mais a aula.

Lembrando também que o contato com essa diversidade de escritos faz com que, além de desenvolverem bem a leitura e escrita, aumenta bastante o seu domínio no que se refere às normas ortográficas da Língua Portuguesa.

Cagliari (1997, p.106) explica: “as crianças vivem em contato com vários tipos de escrita: os logotipos, as placas de trânsito, rótulos, cartazes, além dos textos de revistas, jornais, televisão etc.”.

Esse autor tem razão, pois não só os textos escritos estão expostos para as crianças: textos visuais também as ajudam a se expressarem na leitura e escrita; pois os discentes estão rodeados de escritas no meio social e das mais variadas formas. Muitas escolas podem obter sucesso no que se refere às leituras do cotidiano, ao incluírem no currículo escolar o que os alunos vivenciam no meio exterior.

Nas palavras de Morais (2002, p.62) “... para internalizar as restrições regulares e irregulares de nossa norma, o aluno precisa ter modelos de escrita correta sobre os quais possa refletir”.

Com certeza, esses modelos podem ser representados através dos livros, jornais e revistas informativas que trazem na sua escrita certa ordem no que se refere à ortografia,

tornando-se fácil aprender as regras ortográficas aliado a um conteúdo bom para se praticar o hábito da leitura e escrita, e para a discussão. Também podem ser utilizados nesse processo livros clássicos, por terem uma escrita correta e pode ser usado para prática da leitura dentro da sala de aula ou em casa.

Na sala de aula deve ser utilizado para o uso da leitura e da escrita textos de diferentes gêneros literários que devem ser adicionados ao livro didático para facilitar essa aprendizagem.

Neto (1996, p.136) enfatiza:

A presença do dicionário na sala de aula como material de leitura bem como da gramática pode romper o obstáculo geral, do sagrado e do impossível, oferecendo oportunidades e caminhos de descobertas das palavras. O desafio é permanente.

O dicionário é uma das peças fundamentais no processo de leitura e escrita. Este na maioria das vezes fica esquecido em estantes dentro de bibliotecas escolares, quando na verdade deveria estar sempre presente dentro das salas de aula para ajudar nas dúvidas dos estudantes com relação às palavras e etc.

A gramática também é causa de repulsa nas crianças porque o seu conteúdo da forma como é utilizado, não instiga os alunos a se apropriarem dos conhecimentos da Língua Portuguesa. O dicionário e a gramática são dois tipos de escritas riquíssimas em conteúdos e que favorecem maior entendimento da língua materna.

Segundo Souza (2004, p. 75):

Se o professor sonda, acompanha, propõe diversificados textos e com dificuldades diferentes para o aluno ir ampliando seus horizontes de expectativas não só ante conteúdos, temas, conceitos ou histórias que tais textos veiculam, veria possibilidades de conhecer diversas maneiras de se interpretar, representar ou captar o mundo pela palavra.

Se o professor presta atenção realmente no aluno; quando sabe dos seus avanços e de suas dificuldades com relação à leitura e a escrita deste; ele devagar vai encontrando a solução para o problema de aprendizagem na escola.

Esse educador ao conhecer seu aluno indicará novas leituras que o ajudará a conhecer e a interpretar o universo da escrita da atualidade que está se tornando cada vez mais complexa.

Lerner (2002, p.28) traz a seguinte reflexão:

O desafio é conseguir que as crianças manejem com eficácia os diferentes escritos que circulam na sociedade, e cuja utilização é necessária ou enriquecedora para vida (pessoal, profissional, acadêmica), em vez de se tornarem especialistas nesse gênero exclusivamente escolar que se denomina “composição” ou “redação”.

Sabemos que o desafio é grande, mas é possível dependendo da vontade e da criatividade do professor em buscar outros recursos para melhorar o ritmo da aula e ativar o lado cognitivo do aluno. Essa iniciativa do educador favorecerá no crescimento intelectual do aluno e na forma como esse discente interpretará os escritos da atualidade.

CAPÍTULO II

2.1 A mediação do professor na relação aluno e o universo da leitura e escrita

O professor de todas as pessoas que compõe a comunidade escolar é o que mais se destaca na vida das crianças dentro da instituição de ensino. A aprendizagem dos alunos referentes à leitura e a escrita depende exclusivamente da sua forma de educar.

Ferreiro (1995, p.97) trás a seguinte reflexão:

A escrita que tem o seu lugar no mundo circundante, deixa de tê-lo na sala de aula. Os adultos alfabetizados (incluindo as professoras) abstêm-se cuidadosamente de mostrar as crianças que sabem ler e escrever. Situação bem esquisita: as crianças imaginam que a sua professora sabe ler e escrever, mas nunca a viram fazer isso na sala de aula.

De fato, as crianças no seu contexto social se defrontam com a escrita de diversas maneiras, mas na escola não é isso que é visto pelas mesmas. A leitura e a escrita ficam distanciadas dos alunos não alfabetizados pelo simples motivo da professora que era para ser uma referência para eles no âmbito escolar, não os induz, a esse saber essencial para suas vidas.

Quando o professor lê para os alunos as variedades de leitura existentes está dando a chance para eles se apropriarem dessa prática, que sendo estimulada cedo, contribuirá para formação de novos leitores-escretores.

Os PCNs (1997,p.58) sintetiza:

Organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também.

Concordamos com esta afirmação, porque ninguém melhor do que o professor para despertar no aluno o gosto pela leitura. Grande parte dos estudantes não convive com o hábito da leitura no seu cotidiano, principalmente aquelas crianças de origem humilde.

A escola torna-se para elas o principal lugar de acesso a essa prática. Por isso o educador que não tem a mania de ler não pode exigir dos educandos que se interessem pela leitura, se ele mesmo não possui esse uso.

Lerner (2002, p.95) também contribui dizendo: “A leitura do professor é de particular importância na primeira etapa da escolaridade, quando as crianças ainda não lêem eficazmente por si mesmas”.

Concordamos plenamente com as palavras de Lerner, porque o professor não se dá conta da importância que tem para os alunos principalmente àqueles que estão no primeiro ano escolar.

Para os discentes nessa faixa etária, tudo é novo, tudo tem significação para eles. Então o educador que já começa cedo lendo para as crianças muitas leituras, faz as mesmas sentirem gosto por essa prática tão maravilhosa que pode levar uma pessoa a viajar, a encontrar um mundo novo.

Souza (2004, p.75) enfatiza dizendo: “o professor, sendo o mediador entre textos e leitores, sendo também leitor de seus alunos”.

Concordamos com Souza, porque o educador que está sempre perto dos alunos, ajudando, no sentido de ser um facilitador da aprendizagem dos educandos no que se refere à leitura e produção de textos, contribuirá para a construção de pessoas autônomas para desenvolverem com competência a leitura e a escrita da atualidade.

É fascinante para os alunos de forma geral ver seu professor interessado por suas atividades na sala. Para eles isso é um estímulo essencial para motivá-los a buscar mais conhecimento que só é possível através da leitura na escola, em casa, no lazer, etc.

Neto (1996, p.69) complementa: “considero, outrossim, o lado do professor: o leitor-professor, que é o professor participador das leituras”.

Sabemos que a leitura é muito significativa para o indivíduo. O professor que além de acompanhar a leitura do aluno, também dá sua contribuição como leitor, instiga o aluno a procurar mais fontes para leitura que o ajudará a tornar-se não só um bom leitor mais também um ótimo escritor.

Monteiro (2004, p. 53) reitera: “se o professor associar o conteúdo às vivências do aluno, este poderá vir a prestar atenção, configurando em figura o conteúdo e, portanto, tendo possibilidade de aprender”.

A autora está certa, porque os alunos no seu ambiente escolar ficam desmotivados por não encontrarem dentro da escola novidades para impulsioná-los a buscar o conhecimento; as aulas são monótonas, sem sentido nenhum para suas vidas enquanto estudantes. Mesmo assim o conteúdo que é passado para os mesmos é desvinculado de sua realidade fora da escola.

O fracasso escolar permanece porque muda a sociedade, a diversidade de pessoas que freqüentam as instituições de ensino e que tem interesses diversos. Mas parece que a escola insiste em permanecer distante desse processo de mudanças.

Lerner (2002, p.76) complementa: “a leitura aparece desgarrada dos propósitos que lhe dão sentido no uso social, porque a construção do sentido não é considerada como uma condição necessária para a aprendizagem”.

É verdade as palavras da autora, porque na maioria das vezes os textos que são lidos pelos educandos nas salas de aula, não os estimulam a se interessarem pela leitura. Esses textos quase sempre são utilizados para passar o tempo; não faz os alunos refletirem sobre o que leram ou o que a professora leu para eles.

O educador que também é leitor, ao fazer a seleção dos textos que serão utilizados pela sala, sempre escolherá aqueles textos que desafiam a inteligência do aluno e fazer com que ele encontre um objetivo ao lê-lo.

Monteiro (2004, p.86) indica uma solução:

O primeiro passo para evitarem problemas de aprendizagem é criar uma relação dialógica para que fique claro, para despertar o interesse, porque deste vem o desejo.

Concordamos com Monteiro, porque muitas coisas ruins e tristes deixariam de existir dentro da sala de aula e no sistema de ensino como um todo se houvesse esse diálogo mútuo entre os professores e os alunos. A escola em si deixa de ter importância na vida do aluno porque o respeito entre ambos, que deveria existir, perde sua razão de ser, favorecendo o fracasso escolar.

Neto (1996, p. 22) complementa:

Se vamos ensinar para alguém e esse alguém é o aluno, quem é ele? Que grupo de pessoas é esse que está a nossa frente? Qual é a sua história? Um bom começo para todo e qualquer curso de leitura e produção de textos é conversar com os alunos.

Sabemos que hoje no dia-a-dia da escola, é difícil atingir esses objetivos pelo simples fato das salas de aula estar com um contingente de alunos acima da média; onde não existe tempo favorável para uma relação mais estreita entre professor-aluno. Mas se no exercício da profissão existir esse diálogo aberto sem cobranças, já é um norte para diminuir os problemas de aprendizagem como um todo.

A escola não se dar conta que as pessoas que freqüentam o âmbito escolar têm necessidades diferentes; são indivíduos que convivem diariamente com a imagem da escrita sendo reproduzida em diversos meios: no computador, nos jornais, revistas e em outras formas de comunicação. É um desafio a ser vencido pelo fato dos sujeitos que freqüentam a escola serem heterogêneos na maneira de pensar e de agir.

2.2 A função da escola na aprendizagem da leitura e da escrita dos educandos

A escola é muito importante para os sujeitos que querem crescer intelectual e profissionalmente. Diante de tal responsabilidade, precisa ultrapassar barreiras para favorecer uma verdadeira aprendizagem da leitura e da escrita para aqueles que a procura. Yasuda (2004, p.79) explica que: “pois a meu ver, a formação de um leitor competente é também a formação de um ser sensível, inteligente e aberto para o aprendizado constante que se poderia fazer com a leitura na escola”.

De fato, a iniciativa da escola em promover ações que envolva a leitura com bastantes gêneros literários e fazer os estudantes participarem ativamente desses momentos, expondo suas idéias de forma autônoma; quando essa escola toma parte nesse processo de aprendizagem em que o aluno é peça central, estará contribuindo para a formação de leitores competentes para atuarem nas diversas situações envolvendo a escrita com toda sua complexidade.

Ferreiro (2001, p.78) chama nossa atenção para o seguinte: “De que alfabetizados falamos, em termos escolares? Nos bancos escolares. Estão agora os cidadãos do século

XXI. Estamos preparando-os para a alfabetização do próximo século ou para o século XIX”?

O que Ferreiro fala é bem pertinente. Sabemos que a responsabilidade posta aos educadores é enorme, justamente pelo fato da clientela que vem para a escola, já serem pessoas que trazem certo “conhecimento” principalmente das novas tecnologias que se dissemina cada vez mais no meio social.

É notório que a escola do século XXI enfrenta um grande desafio; onde a jornada dos educadores triplica porque eles precisam aprender a lidar com esses novos instrumentos tecnológicos, para serem seus aliados na aprendizagem dos alunos.

É por essas questões que os docentes e a escola do século XXI não devem fechar os olhos para as mudanças e tentar se adequar a elas. Mas vale salientar que a competência com relação à forma de pensar e agir desses docentes influenciará na aprendizagem para formar leitores e escritores críticos e autônomos para a sociedade.

Nas palavras de Monteiro (2004, p. 44):

Dessa forma a escola deve adequar-se para criar programas, métodos e um ambiente tal, onde o prazer em aprender seja mais forte que os sentimentos negativos que acompanham o aluno, onde o respeito à diversidade e ao ritmo de cada um seja respeitado e avaliado para o replanejamento das ações educativas.

De fato a escola necessita se adaptar para receber uma miscigenação de pessoas e culturas diferentes; indivíduos com níveis de aprendizagem diversificados. Para modificar o que está errado na educação é essencial que a escola tenha um contato restrito com os alunos; que saiba quais os interesses buscados por cada um deles, e o mais importante: que se respeite o ritmo no que se refere ao ato de ler e escrever. Com paciência e ousadia, o aprendizado acontece.

Nas palavras de Lerner (2002, p.29):

O desafio que devemos enfrentar, nós que estamos comprometidos com a instituição escolar, é combater a discriminação desde o interior da escola; é unir nossos esforços para alfabetizar todos os alunos, para assegurar que todos tenham oportunidades de se apropriar da leitura e da escrita como ferramentas essenciais de progresso cognoscitivo e de crescimento pessoal.

Lerner está certa, porque enquanto não se trabalhar em prol da aprendizagem dos alunos; enquanto não se deixar os inúmeros problemas que afetam esse aprendizado em

segundo plano, não tem como formar pessoas aptas para exercerem esse sagrado saber tão essencial para a vida em sociedade que é ler e escrever. Esse é o desafio que é dado para muitos educadores no exercício da profissão e na escola de forma geral.

Para se formar bons leitores-escretores atuantes na sociedade vigente, torna-se necessária a união de todos: alunos, professores, diretores, pais e a comunidade. A escola do século XXI precisa romper com os paradigmas que dificultam o acesso a aprendizagem dos indivíduos presentes no seu meio. Essa é a alternativa ideal para fazer uma educação eficiente, que favoreça a todos.

CAPÍTULO III

3.1 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa que tem como tema: “o processo de construção da leitura e da escrita no cotidiano escolar”, será desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental Janduy Carneiro que está situada à Rua Patrício de Barros no Centro de Cajazeiras – PB, em uma turma do 4º ano composta por 23 alunos e professores.

No decorrer da pesquisa faremos uso do estudo de caso que “é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados”. (GIL apud MATOS, 2002, p.46).

Nesta pesquisa faremos observações na escola como todo (estrutura física, relações interpessoais, entre outros). Segundo Gil (apud MATOS, 2002, p.58) “a observação é uma técnica muito utilizada, principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista”.

A observação do objeto a ser estudado é fundamental para a eficácia dos resultados obtidos durante a pesquisa e “mesmo quando não segue um rígido planejamento, possibilita o acesso direto à informação e ajuda, em muitos casos na delimitação do problema e delineamento da pesquisa”. (MATOS, 2002, p.59).

Para se ter mais qualidade na pesquisa, aplicaremos um questionário para os alunos do respectivo ano e outro questionário para os professores da escola. Para os alunos, as questões serão objetivas (com opções de respostas) e para os professores questões dissertativas. Segundo Matos (2002, p.60) “essa técnica de investigação consiste em que, sem a presença do pesquisador, o investigado responda pro escrito a um formulário (com questões) entregue pessoalmente, ou enviado pelo correio”

3.2 Caracterização da Escola

A Escola Janduy Carneiro foi construída no ano de 1956. Algumas décadas após sua construção recebeu o nome de José Janduy Carneiro que fora Deputado Federal, Interventor do Estado e Senador, como também prefeito de sua cidade natal (Pombal).

Antes essa escola fazia parte da Associação Operária Cajazeirense. Era conhecida por nome de Aprendizário.

Em 1989 a Associação passou a seu patrimônio (a escola) para a Prefeitura Municipal de Cajazeiras. No ano de 1990 com a ajuda total do Estado a escola se tornou estadual, e em 2002 teve sua autorização e reconhecimento renovados.

Essa instituição de ensino possui salas amplas, mas o acesso a escola em geral é difícil em virtude dos altos degraus; possui três banheiros, uma cantina e não tem quadra de esportes; o ambiente da escola é limpo e conservado, mas infelizmente não existe área construída para compor uma sala de professores, secretaria, diretoria e um espaço para a biblioteca. Todas essas dependências funcionam em um mesmo local.

Mesmo com dificuldades existentes, toda comunidade escolar procura fazer o melhor possível para atender às necessidades dos discentes. Esse âmbito escolar conta atualmente com uma diretora, sete professores sendo eles: quatro efetivos e três contratados; tem um quadro de funcionários de apoio divididos em: duas merendeiras, dois guardas, quatro secretárias; funciona nos turnos matutino e vespertino.

3.3 Análise dos Questionários dos Professores

Os questionários foram aplicados para (4) educadoras; com faixa etária de (25) a (42) anos; o tempo que trabalham na educação varia de (6) a (20) anos. Dessas (4) educadoras: (3) possuem o curso normal nível médio e (1) possui curso superior com pós-graduação. As questões foram subjetivas, para as professoras se expressarem de forma espontânea.

Ao perguntarmos como era a metodologia de ensino utilizada por elas dentro da sala de aula, no que se refere à leitura e a escrita. A professora "A" respondeu que: a metodologia é baseada na realidade dos educandos, faz uso de textos diversificados para despertar o interesse dos educandos à leitura. Quanto à escrita faz uso do dicionário e reflexões sobre o erro.

A educadora "B" respondeu que busca sempre inovações, faz gincanas, utiliza vídeo e envolve muito a atualidade nas aulas. A docente "C" informou que utiliza na sua metodologia muitos meios como; recortes de revistas, jornais e incorpora nas aulas, as

frases criadas pelos alunos. A professora “D” disse que faz utilização de leituras e interpretação de histórias de livros infantis e pequenos textos.

Diante das respostas expostas pelas educadoras, percebemos que as mesmas procuram diversificar ao máximo suas metodologias de ensino, fazendo uso de vários recursos para aprimorar as aulas e promover a interação com os alunos. Como nos mostra Monteiro (2004), que a escola deve se adequar criando programas, métodos de ensino que seja prazeroso, para que o aluno possa aprender.

De fato, a necessidade de modificação nas práticas de ensino dos educadores, é de fundamental importância, visto que melhora o ritmo das aulas e atrai o interesse dos discentes pela escola e motiva-os para a aprendizagem.

Ao indagarmos se elas buscam outras fontes de conhecimento para ser utilizado nas aulas, além do livro didático. Quais eram essas fontes. As professoras “B” e “D” deram como respostas que além do livro didático, empregam outros gêneros literários como: livros de histórias, revistas, jornais. Também trabalham com jogos educativos.

A educadora “A” informou que a escola dispõe de vários recursos como: filme, jogos, materiais educativos, som que são usados nas aulas. Ela também produz cartazes para ajudar nas explicações com os alunos. A docente “C” explicou que nas suas aulas são usadas outras fontes de conhecimento, porque manuseando só o livro didático as aulas ficam pobres.

De acordo com as indagações das educadoras, podemos perceber que todas não introduzem só o livro didático na sala; de acordo com os recursos que a escola dispõe, aliada a criatividade das mesmas em trazer outros gêneros textuais, o conteúdo é repassado para os alunos não de maneira monótona, mas atrativa. Pois como diz Cagliari (1997) as crianças vivem em contato com uma variedade de escrita: visuais, impressas (revistas, jornais, cartazes) etc.

Sabemos que as crianças no meio exterior à escola, convivem com uma diversidade de escrita. No entanto, dentro da sala de aula só vêm textos do livro didático que na maioria das vezes são desinteressantes para elas enquanto seres sociais. A iniciativa do professor em trabalhar com diversos estilos textuais, favorecerá melhor a aprendizagem dos educandos no que diz respeito à leitura e a escrita.

Na terceira questão perguntamos o que as professoras fazem quando os alunos cometem muitos erros na escrita. A professora “A” explicou que costuma escrever o texto escrito pelos alunos no quadro tal qual foi escrito e fazer conjuntamente as devidas correções; também utiliza dicionário.

A educadora “B” informou que sempre faz um debate para que sejam expostas as dificuldades dos alunos presentes na atividade. A docente “C” respondeu que conversa com os educandos mostrando os erros em separado, depois forma novas frases com as palavras que os mesmos escreveram erradas para não errarem mais; a educadora “D” informou que por ser uma turma do 1º ano, agora que estão desenvolvendo a leitura e a escrita.

Mediante as informações, compreendemos que as docentes “A”, “B” e “C” têm resoluções diferentes para ajudar os discentes a aprenderem escrever corretamente. Elas deixaram claro que a interação entre professor-aluno é importante para que essa dificuldade seja amenizada. Pois como nos diz Neto (1996, p40) “ele é o porta-voz do grupo, lê os seus progressos e as dificuldades, seus avanços e recuos. Identifica-se com o grupo e os conduz a nova tarefa”.

É verdade, dependendo do modo como o professor se relaciona com os estudantes para discutir os problemas envolvendo a escrita, pode facilitar os alunos a vencerem a problemática, ou bloqueá-los para essa aprendizagem.

Perguntado se a escola tem algum projeto de leitura. As professoras “A” e “B” responderam que a escola tem um projeto chamado “Soletando”. As educadoras “C” e “D” informaram que a escola é acompanhada pelo programa do Ailton Sena “Circuito Campeão”, e que sua meta é desenvolver a leitura e a escrita dos alunos.

Por intermédio das respostas, podemos notar que esse ambiente escolar trabalha com projetos de leitura para ajudar nas dificuldades encontradas pelos alunos no que diz respeito ao ato de ler e escrever. Observamos também que esses projetos contribuem para que os aprendizes tenham um contato mais próximo com materiais de leitura.

Quando questionamos se as referidas docentes incentivam os alunos a produzirem textos espontâneos. A educadora “A” explicou que não incentiva muito, geralmente ela faz textos direcionados com a turma. A docente “B” respondeu que tem um dia da

semana destinado para esse tipo de texto. A professora “C” informou que incentiva seus alunos, aproveitando as conversas em sala. A docente “D” disse que a maneira de incentivar os educandos, é através de textos lidos por ela, dando oportunidade para escreverem e falarem cada um a sua forma.

Por meio das explicações, observamos que a grande maioria incentiva os estudantes a produzirem seus próprios escritos de um jeito aberto, porque entende que assim podem ajudar os alunos usar a criatividade e perder o medo de se expressarem mesmo que por escrito.

Ao interrogarmos as professoras se existe um momento para a leitura na sala de aula. As educadoras “A”, “B” e “D” tiveram posicionamentos parecidos; as referidas professoras explicaram que todos os dias trabalham com a leitura dentro da sala. Essas leituras geralmente são de um livro que foi lido e contar a história para os estudantes; leituras direcionadas; leituras diferenciadas. A docente “C” respondeu que o momento para leitura é no último dia da semana (sexta-feira) para não perder o que foi feito nos dias anteriores com a turma.

Por meio das explicações, percebemos que as docentes gostam de empregar a leitura no dia-a-dia da sala de aula. Também observamos que são colocadas para os alunos diferentes formas de se ler, para instigá-los a praticar o hábito de lê. Como nos mostra os PCNs (1997,p.58) “ uma prática de leitura que não desperta e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente”.

O professor que trabalha de maneira atuante; sendo ele uma pessoa que gosta de lê e mostra isso para os alunos, cria um vínculo com eles e os estimula a ter gosto pela diversidade de leituras, principalmente aquelas da atualidade.

Quando indagamos as docentes se liam com frequência para os educandos. As professora “A” e “B” deram respostas parecidas; elas informaram que narram histórias ou noticiários; fazem leituras compartilhadas de algum texto, mensagens e poemas. A docente “C” respondeu que sempre que há oportunidade ela lê. A professora “D” explicou que lê sempre no início da aula dando seqüência aos assuntos.

Mediante as informações, compreendemos que todas com objetivos diferenciados trabalha com a leitura em sala constantemente para facilitar a aprendizagem referentes a

leitura das crianças. Lerner (2002, p.95) faz referência a isso: “ao ler para as crianças, o professor ‘ensina’ como se faz para ler”.

De fato, as crianças têm por referência o professor. Ele sendo um leitor, passa essa positividade para as mesmas que acabam se interessando pela leitura e aprendem a ler com prazer. Ler é de fundamental importância e quando a iniciativa parte do professor, o aluno interioriza essa prática para si como mais facilidade.

Quando questionamos se a leitura de jornais e revistas informativas estava presente no cotidiano da sala. As educadoras “B”, “C” e “D” responderam que levam jornais e revistas para aula, porque gostam de trabalhar mostrando a realidade; esses recursos motivam os alunos sempre; jornais e revistas são utilizados quando fazem parte do assunto do dia. Já a docente “A” explicou quando lembra, faz uso desses tipos de materiais impressos com a turma.

Fazendo referência as respostas, entendemos que grande parte das educadoras faz inserção desses recursos impressos no cotidiano com o alunado, elas acreditam que é importante os discentes terem contato com esses modelos de escrita. Segundo as educadoras esses materiais propiciam aos aprendizes compreensão do que se passa a sua volta.

Perguntamos as referidas docentes se o dicionário é utilizado com frequência nas aulas. As educadoras “A” e “B” informaram que o dicionário é empregado quando é necessário; a professora “C” respondeu que a escola dispõe de vários dicionários e com eles os professores ajudam seus alunos nas dúvidas da escrita. A docente “D” disse que não utiliza, pois sua turma é do primeiro ano.

Ao analisarmos as devidas respostas concluímos que o dicionário é pouco usado dentro da sala de aula como recurso pedagógico. Neto (1996) a presença constante do dicionário na sala de aula, pode ajudar a quebrar o obstáculo no irrealizável, oferecendo ocasião oportuna para que as palavras sejam reveladas.

É importante a inserção do dicionário nas aulas, pois sempre existem palavras estranhas em qualquer disciplina escolar. O uso freqüente desse material contribui para que as dúvidas correspondentes aos vocábulos desconhecidos sejam tiradas, facilitando o

aprendizado que vem sendo o objetivo maior da escola no que se refere à leitura e a escrita.

3.4 Análise dos Questionários dos Alunos

Os questionários foram aplicados para 22 crianças do 4º ano do ensino fundamental; com faixa etária entre 8 e 13 anos. Desses alunos, 12 nunca repetiram o ano, 10 são repetentes. As questões foram objetivas para que eles não sentissem muita dificuldade ao respondê-las.

Quando perguntamos se os educandos gostavam de ler. Que tipos de leituras. 12 crianças responderam que gostavam de ler livros infantis e gibis; 7 informaram que sentem prazer em lê livros infantis, gibis e outros tipos de leituras; 2 explicaram que só lêem livros infantis e apenas 1 costuma ler gibis.

De acordo com as respostas, percebemos que todos os alunos têm por hábito ler variados gêneros literários, não só textos do livro didático oferecido pela escola. Pois como diz Foucambert (1994) para se aprender a ler é necessário está envolvido pelos diversos escritos fazer uso de textos que outras pessoas utilizam no seu meio.

É notório que os alunos tendo contato com textos de diferentes gêneros, melhora o seu vocabulário; possibilita aos mesmos diferenciarem um texto de ficção, de um texto envolvendo a realidade; instiga-os a ler mais. Muitas oportunidades são oferecidas aos discentes quando lêem materiais de leitura diversificados.

Ao indagarmos se os educandos gostavam de escrever. Que tipos de textos. (18) estudantes explicaram que gostam de escrever textos do livro didático, também sentem prazer em escrever seus próprios escritos de maneira espontânea; (2) informaram que só costumam escrever textos do livro didático; (2) alunos julgaram bom escrever seus próprios textos.

Mediante as informações dos estudantes, compreendemos que grande parte tem afeição em escrever textos tanto do livro didático, como também gostam de produzir seus textos. Mas alguns deixaram claro que é mais interessante usar a criatividade e exibir no papel de forma espontânea seus próprios escritos. Isso vai de encontro com o que Cagliari (1997, p.129) diz: “elas precisam escrever o mais livremente possível”.

É nobre a iniciativa do educador em deixar que as crianças usem sua criatividade e potencialidade na produção de seus escritos; esses alunos com certeza se desenvolverão melhor na escrita; irão adquirir com mais facilidade um nível elevado de leitura, que facilitará um melhor entendimento daquilo que eles estão lendo.

Perguntado se a professora lê algum material em sala. Quais eram esses materiais. (11) educandos responderam que a professora lê livros infantis e livro religioso; (5) explicaram que a professora lê livros infantis e revistas informativas; (5) informaram que ela só lê livros infantis em sala; (1) respondeu que a docente lê os três tipos de materiais (livros infantis, revistas informativas, livro religioso).

Diante das respostas, podemos observar que apesar da maioria dizer que a professora lê livros infantis e religiosos, há certa divergência nas informações dos alunos. Eles deixaram dúvidas se realmente a professora utiliza todos esses materiais em sala; se trabalha com algum desses materiais, ou que não faz uso de nenhum desses gêneros literários na sala de aula.

Ao interrogarmos os estudantes quando eles cometem erros na escrita o que a professora faz. (17) alunos responderam que sua educadora corrige o erro imediatamente e fala para eles aprenderem a escrever correto; (5) explicaram que a educadora corrige o erro, faz gracinhas, no sentido de está insatisfeita com as palavras erradas, e fala para aprenderem a escrever corretamente.

Por meio das explicações, podemos ver que a docente é bem ativa no que se refere aos erros cometidos na escrita dos discentes, e os impulsiona a escrever correto as palavras. Como nos mostra Moraes (2002) a correção das mensagens escritas é de fundamental importância para tornar fácil o processo de escrita.

É interessante saber escrever corretamente, principalmente nos dias atuais, em que são colocados para as pessoas desafios no que diz respeito ao ato de escrever. É importante a iniciativa da escola em cuidar para que seus alunos escrevam certo, porque fora do âmbito escolar essa aprendizagem será essencial para que se alcance os objetivos esperados por cada um deles.

Indagados se nas aulas a professora fazia perguntas sobre algum material de leitura que estava sendo utilizado por eles. (18) discentes informaram que respondem ao que ela pergunta e (4) responderam que não respondem por medo ou vergonha.

De acordo com as respostas, entendemos que os referidos alunos, com exceção de alguns, sempre se expressam quando indagados pela educadora sobre alguma questão referente a qualquer material literário. Isso vai de encontro com o que Neto (1996, p. 23) diz:

A medida que o conhecimento e a aprendizagem vão se construindo com a co-participação dos alunos e a direção motivadora do professor, podemos dizer que ambos são sujeitos-claros, simples e determinados em sala de aula. São donos de sua palavra.

Isso é importante, porque o professor e o aluno tendo uma participação conjunta na sala de aula, a dificuldade de aprendizagem de leitura e escrita torna-se menor. É essencial educador e educando manterem uma relação dialogada no âmbito escolar, para que reine o respeito entre ambos e o aprendizado aconteça de verdade.

3.5 Análise do Estágio

Como sabemos nos dias atuais, muitos desafios são impostos para as crianças, jovens e adultos no que se refere à leitura e a escrita do cotidiano. É notória a dificuldade dessas modalidades nas instituições de ensino.

Como forma de contribuição para o ensino-aprendizagem dos alunos do 4º ano, turma formada por 22 alunos, da Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental Janduy Carneiro, situada à Rua Patrício de Barros no Centro de Cajazeiras-PB; optamos por fazer o estágio na referida escola, haja vista que a problemática da leitura e escrita está presente no ambiente escolar como um todo.

Começamos nosso estágio no dia 8 de setembro de 2009 para perfazer um total de 20 dias letivos. Como não podíamos alterar a rotina da escola tivemos que seguir a carga horária das disciplinas. Assim a aula foi iniciada com a nossa apresentação, onde dissemos que iríamos ficar com eles durante 20 dias; pedimos para os educandos se reapresentarem, visto que tínhamos observado a sala anteriormente.

O primeiro conteúdo foi exposto com o auxílio do livro didático e de uma revista informativa que trazia informações sobre a tragédia das enchentes no ano passado em Santa Catarina e Espírito Santo. Nessa reportagem continha muitos verbos (o assunto da aula era verbo).

Através da leitura deles, percebemos a dificuldade de se interpretar a mensagem daquele tipo de escrita, mas acharam interessante encontrar verbos numa revista informativa; falamos da importância de lê um material impresso como aquele; dos assuntos importantes que poderiam obter ao terem contato com essa escrita do cotidiano.

Em matemática os conteúdos de comparação de frações e frações equivalentes foram transmitidos através de material concreto como: palito de picolé, lápis de álcool e exemplos do dia-a-dia deles, pela dificuldade de assimilação que alguns tinham no que diz respeito à temática exposta. Por incrível que pareça, a grande maioria conseguia entender o que pedia o problema e questionavam bastante quando tinham dúvidas.

Na escola, toda a sexta-feira trabalhava-se a tabuada, pelo fato da dificuldade deles na multiplicação; fizemos uma tabuada visual em que não tinham números, apenas três dezenas de bolinhas. O desafio proposto para a turma foi formarem o maior número de multiplicações possíveis e montarem uma árvore das multiplicações. No início todos estavam sentindo problemas por não estarem vendo números, depois começaram a usar o raciocínio lógico, aliado com a interação entre os colegas, e no final saíram árvores bem criativas.

Os educandos gostaram desta experiência; quem tinha irmãos menores dizia: “tia Cícera vou treinar essa tabuada nova com meu irmão (a) em casa”. Isso dá um estímulo maior para a gente que é professora, ter orgulho da profissão. Como já era esperado, tivemos alguns problemas com crianças rebeldes dentro da sala. Como nos mostra Monteiro (2004, p. 58): “Essa percepção de si mesmo, de que não é amado por quem o gerou, tem conseqüências sérias no desejo de aprender, se manifesta na rebeldia, na indisciplina em sala de aula, na agressividade com todos os que cercam ou em apatia”.

Mesmo tendo vivenciado isso no estágio, faz parte da nossa jornada enquanto educadores e que é nosso papel como cidadão mudar essa dura realidade e formar pessoas boas, críticas e autônomas para a sociedade vigente.

Na segunda semana na aula de produção textual, trabalhamos com panfleto informativo sobre os cuidados com a dengue. Depois de termos explicado a função daquela escrita, sugerimos que produzissem seu próprio panfleto e mais uma vez observamos as complicações que algumas crianças tinham ao produzir o texto: uns começavam e diziam que não conseguia sair nada da cabeça, já que esses panfletos seriam produzidos com a criatividade e imaginação deles.

Nessa turma mesmo a maioria com dificuldade de leitura e escrita, saíram produções excelentes e criativas; os estudantes fizeram propagandas de supermercado, vídeo locadora, concessionária de carros, motos, loja de roupas, livraria, farmácia e loja de flores; eles anotavam até os valores dos produtos. O interessante foi ver o entusiasmo deles em fazer aquela tarefa, pois se tratava de coisas do dia-a-dia dos mesmos. Que para Monteiro (2004) a escola enfrenta problemas de aprendizagem no que se refere a leitura e a escrita, porque na sua grande maioria só valoriza conteúdos que não tem nenhum significado para os alunos, isto é, assuntos que não tem relação alguma com a vida deles fora da escola.

Por isso sempre procurávamos envolver o cotidiano dos estudantes nas temáticas das aulas, e como tratava da realidade de todos, a interação nossa com eles era constante.

Outro momento importante foi na disciplina de artes em que confeccionamos flores de origami com: papel ofício, palito de picolé, cola e lápis de pintar. Foi divertido porque a sala como um todo sentiu prazer em utilizar material concreto na aula de arte; vimos a alegria nos olhos de meninos e meninas onde fluíra a imaginação e a criatividade e o resultado foi crianças orgulhosas de si mesmas de terem produzido verdadeiras obras de arte.

Como não poderíamos deixar de fora, fizemos um bingo da multiplicação com cartelas e todo material necessário, para promover cada vez mais a interação entre a turma e tirar as dúvidas de alguns correspondentes a multiplicação e ensinar outros, que apesar de estarem no 4º ano (3ª série) não sabiam nada de multiplicação. Foi um trabalho árduo, mas que estava valendo a pena.

Na terceira semana, como era o dia da árvore exploramos um texto sobre a vegetação existente no Brasil; foi dado um foco maior na nossa vegetação (caatinga). Os discentes

sentiram muita dificuldade de entendimento do tema, mas quando começamos a indagá-los sobre a vegetação do sertão, eles demonstraram verdadeiramente o conhecimento que tinham; todos deram vários exemplos de árvores como: juazeiro, aroeira, jurema, mufumbo e cactos como mandacaru e xiquexique. Essa aula foi muito cativante porque quando envolve a realidade dessas crianças, a aprendizagem acontece de maneira inesperada.

Como nas produções textuais eram detectados erros de concordância nominal, verbal e principalmente muitos erros ortográficos; nas aulas de ortografia trabalhávamos com frequência com as produções feitas por eles anteriormente e com o auxílio do dicionário. Dizíamos à turma que tivessem esse material em mãos, pois era um dos tipos de escritas mais corretas e completas que existem; a utilidade desse recurso os ajudaria a melhorar o vocabulário, escrever corretamente e descobrir o significado de palavras que confundem na hora de serem escritas.

Teve outro momento interessante na aula de Língua Portuguesa. Para estudarmos a gramática (verbos), fizemos uso do jornal na sala; mostramos a eles que aquele material impresso fazia parte da leitura e escrita do cotidiano; explicamos as funções do jornal no meio social e da importância de tê-lo como material de leitura.

O que mais nos chamou atenção foi o espanto daquelas crianças na utilização do mesmo, porque geralmente só tinham contato com leituras do livro didático e de livros infantis literário. Foi bom ter levado esse recurso para a sala de aula, justamente porque só acompanhavam as notícias pelo rádio ou televisão; todos sem exceção ficaram curiosos ao observarem no jornal notícias sobre: política, economia, artes, publicidade, policial e esportes. Foi uma experiência inédita fazer uso de notícias do cotidiano de maneira didática. Segundo Moraes (2002, p.62) “a leitura constante de livros, jornais e revistas e outros suportes impressos constitui, portanto, uma espécie de primeiro mandamento para o desenvolvimento da competência ortográfica”.

Como constatamos a dificuldade de leitura e principalmente de escrita, a utilização do jornal como material didático contribuiu não só para os alunos aprenderem mais sobre as normas ortográficas, também tiveram a oportunidade de aprender sobre concordância, verbos, palavras novas para enriquecer seu vocabulário e ficaram por

dentro do que se passava a sua volta, visto que o jornal também é uma das escritas mais corretas e completas do meio social.

Como estávamos na semana do trânsito, trabalhamos com panfletos, textos xerocados e vídeos; as aulas eram sempre dinâmicas, discursivas. Os alunos atenciosos no que dizia respeito ao trânsito das grandes cidades e principalmente de Cajazeiras citavam exemplos de acidentes ocorridos aqui por causa de não se respeitar as sinalizações.

Tinha um aluno na sala chamado Gabriel que se fosse tirar a carteira de motorista, nas provas sobre a legislação do trânsito, seria nota dez. A Escola Janduy Carneiro promoveu o dia "D" da Semana do Trânsito em que as turmas tiveram a oportunidade de mostrar as atividades realizadas durante toda a semana, e no final houve uma dramatização de um acidente no trânsito, para as crianças se conscientizarem e levarem essa mensagem para os pais sobre os perigos de não se respeitar às leis de trânsito. Foi uma aprendizagem para nós e os alunos.

Na quarta semana demos prioridade as leituras e interpretações de textos, onde uma parcela considerável de educandos não tem um bom desenvolvimento. Quando era para ler, todos se manifestavam querendo ir para frente e ler para os colegas em voz alta espontaneamente, mas quando era para falar do que entendeu da leitura, ninguém se pronunciava.

Nesta sala, trabalhamos bastante com textos do livro didático, livros de literatura infanto-juvenil, revistas em quadrinhos, textos informativos de jornais e revistas. Tivemos muita dificuldade para ajudá-los a assimilar bem os conteúdos de Língua Portuguesa, História, Geografia e Educação Religiosa por não saberem interpretar.

Entendemos que através dos recursos didáticos que trouxemos para essa escola, das dinâmicas nas aulas, das explicações dos conteúdos das diversas disciplinas envolvendo a realidade deles, conseguimos passar um pouco nossa mensagem de tudo aquilo que tínhamos preparado para o estágio.

Como estávamos vivenciando a semana da criança, foi planejada uma gincana com as duas turmas da tarde, para eles extravasarem seu lado criança e trabalharem em equipe com união, respeito mútuo, participação. Essa gincana foi importante porque nas brincadeiras no recreio e nas aulas de Educação Física acontecia discriminação entre

alguns meninos e meninas. Para (OUANE, 1995 apud FERREIRO, 2001, p.88) “poucas vezes a diversidade é realmente, uma diversidade na igualdade, isto é, uma equidade das diferenças. É preciso lutar pela normalidade da diferença e da diversidade, assim como pela normalidade do multilinguismo subjacente a tais diferenças”.

Todo esse tempo em contato com esses alunos, tentamos mostrar que ter preconceito com o colega: é feio, triste e desumano. Mostramos que não é porque os companheiros de turma têm comportamentos diferentes, mereçam ser tratados com preconceito.

No último dia de aula o momento da despedida, foi a hora mais triste do estágio. Mesmo tendo enfrentado problemas por ter sido uma turma difícil, ficou um vínculo forte entre nós. A experiência vivida nestes 20 dias que passamos juntos nessa escola, levaremos conosco para sempre pelos seguintes motivos:

- Boa acolhida da comunidade escolar;
- Primeira experiência como educadora;
- Aceitação dos alunos;
- Presença constante da professora titular na sala de aula;
- Amizades construídas principalmente com os alunos. Enfim o estágio foi maravilhoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com esse estudo sobre o processo de construção da leitura e da escrita no cotidiano escolar, podemos perceber que a escrita desde o seu início no período pictórico até os dias atuais sempre tentou representar as manifestações, as vivências de um povo. Essa mesma escrita que passou por várias mudanças, vem enfrentando uma problemática nos âmbitos escolares, pelo fato dos educandos sentirem dificuldades quando precisa utilizá-la no meio social.

A escola no seu dia-a-dia enfrenta muitos obstáculos para fazer os alunos se apropriarem desses dois saberes essenciais para o bom desenvolvimento de um ser humano em sociedade que é ler e escrever. Essas barreiras geralmente estão presentes dentro da instituição de ensino por diversos fatores:

- Desrespeito ao lidar com a escrita dos alunos, principalmente se estes têm dificuldades no ato de escrever,
- Introdução de textos desinteressantes que não contribuem para que os educandos sintam gosto pela leitura e conseqüentemente pela escrita;
- Desinteresse por parte de alguns professores pela aprendizagem dos alunos, isto é, quando não se preocupam se os alunos estão avançando ou regredindo na ação de ler e escrever;
- Alunos que vão desmotivados para a escola e não encontram dentro dela razões para instigá-los a querer aprender;
- Falta de atenção por parte da escola pelo o que é vivenciado pelos estudantes fora de seus muros e não tenta incorporar essa realidade às aulas.
- Falta de diálogo entre professor-aluno;
- Desrespeito pela diferença do outro.

Esses foram alguns dos inúmeros problemas encontrados que favorecem a desaprendizagem da leitura e da escrita, e se não for corrigido o quanto antes ocasionará o fracasso escolar. Na nossa jornada nessa escola, nos deparamos com outra questão muito difícil que foi a deficiência de alunos em interpretação não só em Língua Portuguesa, mas em outras disciplinas.

Na sala de aula, constatamos que as crianças tinham contato com materiais impressos apenas para recortar figuras ou reportagens para fazer colagens. Sabemos que muitas escolas estão envolvendo no seu currículo leituras de jornais e revistas para auxiliar na aprendizagem dos alunos, elas entendem que os discentes tendo contato com esses dois tipos de escritas contribuem para que o lado cognitivo deles seja aguçado, visto que jornais e revistas são escritas do cotidiano e mexem com o senso crítico de quem os lêem. Essa é uma das alternativas encontrada pela escola para ajudar os educandos a aprenderem a interpretar nas diferentes situações de leitura.

Entendemos também que a escola fazendo uso de panfletos, revistas em quadrinhos, escritas visuais, livros de literatura infantil, infanto-juvenil que são materiais fáceis de ter acesso e ótimos para se praticar o hábito da leitura, pode ajudar ainda mais nesse processo, mas vale salientar que a mediação do professor continua sendo de fundamental importância para a aquisição da leitura e da escrita de cada aluno, no ambiente escolar, como também servirá na vida diária.

Temos consciência de que não é fácil preparar alunos para atuar de maneira autônoma, crítica no meio em que vivemos, visto que a escola não educa sozinha, por isso é necessário o apoio da família e da sociedade como um todo.

Sabemos que a exigência em torno da leitura e da escrita na atualidade perpassa os domínios da escola; esta na maioria das vezes não está preparada para exercer tamanha responsabilidade e em vez de formar, acaba deformando cidadãos, que terminam o ensino fundamental ou o médio com déficit no exercício da leitura e da escrita. Essa dificuldade é notória quando precisam interpretar a escrita do mundo atual que vem sendo muito complexa.

Então, quanto mais as crianças tiverem contato com diversificados gêneros de textos dentro da sala de aula e não só o livro didático que é importante, mas não é suficiente; a escola estará dando um passo largo para alcançar os objetivos esperados. Mas é preciso enfatizar que os alunos e toda comunidade escolar devem colaborar, no sentido de manter sempre o diálogo, e não somente cobranças de ambas as partes.

É preciso deixar claro que o aluno não aprende sozinho; a escola não ensina se não tiver alunos; a sociedade não forma profissionais sem o auxílio da educação. É uma

corrente que precisa estar em harmonia para manter o equilíbrio; se esse elo for quebrado: perde o aluno que não aprende; a escola perde sua credibilidade perante a população; a sociedade também perde porque terá pessoas despreparadas para atuar nas diversas funções de trabalho. Temos plena certeza, se todos se mobilizarem e trabalharem juntos em prol do aprendizado de inúmeros educandos, que buscam na escola alternativas que possam transformá-los em pessoas desenvolvidas intelectual e profissionalmente; o papel da escola estará sendo cumprido.

Diante disso podemos dizer que os objetivos propostos neste trabalho foram atingidos, visto que colocamos em prática tudo que havíamos planejado para a realização desse projeto. Mas é imprescindível que se diga: quantas vezes mais a escola criar estratégias de ensino para fazer os alunos terem prazer em estudar, a aprendizagem da leitura e da escrita acontecerá de forma espontânea, mesmo existindo muitos problemas dentro do âmbito escolar.

Para formar bons leitores e escritores é preciso que esse paradigma, introduzido no interior de nossas escolas, que vem ao longo dos anos prejudicando o ensino-aprendizagem, seja quebrado para que os cidadãos que passarem por elas obtenha sucesso no cotidiano de suas vidas. Esse deveria ser o nosso desejo enquanto profissionais comprometidos com a educação: preparar pessoas que sejam capazes de enfrentar com competência inúmeros desafios impostos pelo mundo atual no que se refere à leitura e a escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACK, Eurico. "Procedimentos didáticos". In: **Fracasso do ensino de português: proposta e solução**. Petrópolis: Vozes, 1987, p.143-169.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Vol.2. Língua Portuguesa, 1997.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo, 24ª ed.atualizada. Editora Cortez, 1995. (Coleção Questões da Nossa Época, vol.14).

_____. **Atualidade de Jean Piaget**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. Cap.6, p.77-89.

FOUCAMBERT, Jean. "As abordagens mediáticas". In: **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. (cap.1, p.3-39).

CAGLIARI, Luiz Carlos. "A escrita". In: **Alfabetização e lingüística**. 1º ed. São Paulo: Scipione, 1997, cap.3 p.101- 143. (Pensamento e ação no magistério)

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. São Paulo: Artmed, 2002.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2ª ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MONTEIRO, Mara M. **Leitura e Escrita: uma análise dos problemas de aprendizagem**. Petrópolis, RJ. 2ªed. Editora Vozes, 2004.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Ática, 2002. (Série palavra de professor)

NETO, Antônio Gil. **A produção de textos na escola: uma trajetória da palavra**. São Paulo, 4ªed. Edições Loyola, 1996.

SOUZA, Maria Lúcia Zoega de. "A leitura na escola (I)". In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Questões de Linguagem**. São Paulo, 7ª ed. Editora Contexto, 2004. (Repensando o Ensino)

YASUDA, Ana Maria Bonato Garcez. "A leitura na escola II". In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Questões de linguagem**. São Paulo, 7ª ed. Editora Contexto, 2004. (Repensando o Ensino)

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CARACANA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CARACANA GRANDE - PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES

ESCOLA: _____

NOME: _____

FORMAÇÃO: _____

TEMPO QUE TRABALHA COM A EDUCAÇÃO: _____

1-Como é a sua metodologia de ensino no que se refere à leitura e a escrita dentro da sala de aula?

2-Você busca outras fontes de conhecimento para ser utilizado nas aulas, além do livro didático? Quais?

3-O que você faz quando os alunos cometem muitos erros na escrita?

4-A escola tem algum projeto de leitura?

5-Você incentiva seus alunos a produzirem textos espontâneos?

6-Existe um momento para leitura na sala de aula?

7-Você lê com frequência para os educandos?

8-Leitura de jornais e revistas informativas está presente no cotidiano da sala?

9-O dicionário é utilizado com frequência nas aulas?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

ESCOLA: _____

NOME: _____

IDADE: _____

SÉRIE: _____

JÁ REPETIU O ANO: _____

1- Vocês gostam de ler? O quê?

- Livros infantis
- Gibis
- Outras fontes de leitura

2- Vocês gostam de escrever? O quê?

- Textos dos livros didáticos
- Escrever seus próprios textos
- Não gostam de escrever

3- Sua professora lê algum material na sala? Quais?

- Livros infantis
- Revistas informativas
- Livro religioso

4- Quando vocês escrevem errado o que a professora faz?

- Corrige o erro imediatamente
- Faz gracinhas
- Fala para eles aprenderem a escrever corretamente

5- Nas aulas a professora faz perguntas sobre algum material de leitura que está sendo utilizado por vocês?

- Vocês respondem ao que ela pergunta
- Não respondem por medo ou vergonha